

Reflexões sobre facetas cristãs no tempo presente.

Entrevista com André Ricardo de Souza

Reflections on christian facets in the present time.

Interview with André Ricardo de Souza

Editorial da Plura

 <https://doi.org/10.29327/256659.13.2-2>



Como se disse sobre o *dossiê A religião e a história do tempo presente no Brasil*, foi-se desafiado pela conexão da história do tempo presente e de suas múltiplas experiências religiosas nas diferentes atuações humanas. Se é ainda mais desafiador quando se percebe que “toda história (ou reconstrução do passado) é uma história do presente” (Ricoeur, 1978, p. 65), assim, é então importante destacar que “a história do tempo presente religiosa é sim variada, tem termos de conexões, tensões e velocidades em relação com a atualização do passado no presente da tomada religiosa” (Py, 2021).

A partir dessas sinalizações se teceu o dossiê como um espaço de discussão plural e interdisciplinar sobre as complexas questões que envolvem as diversas expressões religiosas na atualidade, ante os desafios teóricos e metodológicos que perpassam a História do Tempo Presente (HTP). Entende-se a HTP

a partir dos pressupostos com o quais Henri Rousso destacou no início da caminhada do Instituto de História do Tempo Presente em 1970, quando se objetivou trabalhar o *passado próximo*, distinguindo-se assim da História Contemporânea e da História Instantânea (Py, 2021).

A HTP, portanto, investiga o tempo e/ou as memórias das testemunhas vivas, experienciadas também pelos próprios pesquisadores. Deste modo, foram pontuadas abordagens oriundas do conjunto de saberes científicos acerca dos discursos, das representações e das práticas religiosas sob diferentes metodologias aplicadas. Na busca de compreender e elucidar “a atualidade” das religiões e das religiosidades, ante questões como a intolerância religiosa e os negacionismos, o espaço público e a laicidade do estado, o pluralismo religioso e os fundamentalismos, a democracia e as mídias sociais, dentre outros eixos de diálogo.

Assim, estrategicamente para abrir o dossiê convidou-se o professor doutor André Ricardo de Souza, especialista do tema das religiões nos diferentes presentes. Ele que é pesquisador do CNPq e docente associado II do Departamento de Sociologia da Universidade Federal de São Carlos, onde coordena o Núcleo de Estudos de Religião, Economia e Política (NEREP). Graduou-se em ciências sociais pela Universidade de São Paulo, onde também cursou o mestrado e o doutorado em Sociologia. Fez também pós-doutorado na PUC-SP com apoio da FAPESP. Atua na área de sociologia da religião, pesquisando também iniciativas econômicas autogestionárias. Publicou, ao todo, 8 livros e 40 artigos em periódicos científicos. É membro do Comitê de Sociologia da Religião da Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS) e da diretoria da Associação Brasileira de Pesquisadores de Economia Solidária (ABPES). Em 2021, foi um dos finalistas do Prêmio Jabuti pela organização do livro *Engajamento e reflexão transversal em economia solidária* (EDUFSCar e ABPES, 2020).

Passa-se a entrevista com o professor André para situar um aprofundamento do tema e suas questões específicas.

Plura: André, como tem sido sua trajetória de estudos na área de religião nos últimos anos? Quais são os pontos, desenvolvimentos e descontinuidades?

André Ricardo de Souza: Tenho feito pesquisas relacionadas a diferentes aspectos do cristianismo no Brasil, com foco no entrecruzamento de algumas de suas vertentes e instituições com práticas econômicas e assistenciais, conside-

rando as implicações e derivações políticas de tal entrecruzamento. Além do catolicismo e do segmento evangélico, tomo como parte desse universo religioso o espiritismo (ainda adjetivado de kardecista) dada sua tônica da caridade cristã e seu culto central a cristo. Derivam dessa proposta, por exemplo, os estudos sobre: a influência católica na formação e apoio a organizações autogestionárias, próprias da economia solidária, o empreendedorismo econômico destacadamente evangélico pentecostal e a práticas assistenciais espíritas.

Plura: Seus trabalhos são marcados pela história do tempo presente, sendo que um dos eixos que vêm desenvolvendo mais recentemente é questão da “Economia de Francisco” (2020a). O que o tema se relaciona com o da teologia da libertação? E o que pode trazer para esse contexto da pandemia de Covid-19?

André Ricardo de Souza: A Economia de Francisco, pra quem não sabe, é decorrência da convocação do Papa Francisco para uma mobilização internacional de jovens, intelectuais e ativistas sociais em prol da busca de outro modelo de desenvolvimento econômico no planeta, contrário à desigualdade social e à degradação ambiental. No Brasil tal mobilização, contemplando agentes de pastoral, militantes de movimentos sociais e mesmo adeptos de algumas tradições religiosas diferentes do catolicismo, fez surgir uma rede ecumênica denominada Articulação Brasileira pela Economia de Francisco e Clara (ABEFC), cujo nome tanto homenageia a santa de Assis quanto busca valorizar a paridade entre homens e mulheres. Sociologicamente, a ABEFC é uma derivação atual do cristianismo da libertação (termo cunhado por Michael Löwy, cabe lembrar), este que outrora fez surgir, em certa medida: a economia solidária, movimentos sociais relevantes (principalmente o MST), o novo sindicalismo do ABC Paulista e o Partido dos Trabalhadores. No contexto da pandemia, uma iniciativa da ABEFC foi arrecadar recursos para a compra de alimentos produzidos por cooperativas rurais e o fornecimento a famílias necessitadas de algumas localidades.

Plura: Por outro lado, você vem também se preocupando com o tema do “ecumenismo”, como no recente artigo “A busca ecumênica de apoio dos cultos afro-brasileiros vitimados por intolerância” (2022), quando propõe um “alargamento” no conceito de “ecumenismo” como resposta a intolerância religiosa. Como seria pontualmente esse alargamento e como operá-lo na prática?

André Ricardo de Souza: No artigo (SOUZA, 2022) que você mencionou, Fábio – publicado na revista *Tempo Social* da USP – busquei analisar o modo como relevantes organizações ecumênicas vêm atuando no enfrentamento da intolerância religiosa sofrida pelos adeptos dos cultos afro-brasileiros, em solidariedade a eles. Verifica-se que tal alargamento do conceito de ecumenismo - de modo a abranger não apenas igrejas cristãs, mas outros grupos religiosos, como o candomblecista - é reivindicado por lideranças dessas organizações ecumênicas, com destaque para pastoras do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (CONIC). A questão é menos teológica ou doutrinária e mais prática em termos de busca da vivência cristã de apoio aos que são perseguidos, acolhendo-os em uma simbólica comunidade mais ampla. Esse ecumenismo ampliado se pauta pela consistente defesa dos direitos humanos, incluindo o direito à liberdade de culto, algo que é expresso em manifestações públicas que agrupam seguidores de tradições religiões diferentes.

Plura: Outra questão que você e Pedro Simões (UFSC) destacam no artigo “O enfrentamento espírita da pandemia do Covid 19 no Brasil” (SOUZA & SIMOES, 2022), é a forma com que grupos espíritas vêm se articulando. Mas, nesse caso, como você acha que o tema da caridade, tão importante para o espiritismo, serviu como justificativa (ou não) para os centros espíritas analisados?

André Ricardo de Souza: Como se sabe, Fábio, em face da pandemia as organizações religiosas reagiram de diversos modos, ora pautadas pelo explícito negacionismo, ora adaptando-se para atender, de algum modo, as demandas de seus frequentadores. No caso do espiritismo, assim como outras vertentes religiosas, houve, por um lado, atitudes negacionistas e, por outro, interdição ou restrição de grandes eventos, intensificação das atividades realizadas através da internet e reorganização das práticas cotidianas das unidades comunitárias. Em nome também da caridade, os atuantes em centros espíritas buscaram oferecer os chamados atendimentos espirituais às pessoas que os buscavam.

Plura: Como se organizou o trabalho assistencial no espiritismo nos últimos anos? E, mais ainda, diante da pandemia e do governo Bolsonaro?

André Ricardo de Souza: No segmento espírita o trabalho assistencial prossegue, há bastante tempo, sendo feito, de um lado, por instituições de grande e médio porte, contando com boa parte de seus integrantes profissionalizados; e,

por outro, em centros espíritas mediante a coleta, o preparo e a entrega, basicamente, de alimentos e roupas a pessoas vulneráveis, com certo destaque a enxovais para gestantes bastante pobres, visando evitar que elas abortem. Em face da grande crise decorrente da pandemia e do desastroso Governo Bolsonaro, tal atendimento a necessitados, sobremaneira pessoas em situação de rua, aumentou.

Plura: André de alguma forma seus trabalhos todos destacam certa articulação entre a política e a religião. Como você vê essas duas dimensões, que, em geral, estão bem separadas nos estudos de religião, mas que, na verdade, possuem profunda ligação?

André Ricardo de Souza: Eu realmente não vejo as dimensões: religião e política separadas nas pesquisas sobre religião, pelo contrário, havendo, a meu ver, grande e crescente relação entre ambas em trabalhos investigativos nessa grande área dedicada aos estudos de religião. Enquanto nos anos 1980, no contexto de reabertura democrática, se dava bastante atenção à relação entre o ativismo político de esquerda e grupos religiosos do cristianismo da libertação (muito mais católicos do que protestantes, cabe ponderar), desde a década seguinte em diante, isso vem ocorrendo em relação aos grupos religiosos politicamente muito conservadores, principalmente do pentecostalismo evangélico, mas também do católico (o movimento da Renovação Carismática).

Plura: Agora, você crê que é possível uma caminhada religiosa política libertadora, que leve em consideração as mais profundas desigualdades sociais e econômicas que vivemos, no Brasil?

André Ricardo de Souza: Embora o cristianismo da libertação tenha refluído muito em face do crescimento do ideário neoliberal com sua pregação individualista, assim como do avanço da face pentecostal muito conservadora e dos pontificados de João Paulo II e Bento VI, observa-se que modestas, porém significativas mudanças vêm ocorrendo. No meio católico, com repercussões em outros segmentos religiosos e mesmo irreligiosos, a atuação do Papa Francisco estimula posicionamentos combativos à desigualdade social. Por outro lado, desenvolveram-se ou se mostraram mais publicamente determinados coletivos religiosos, alguns ecumênicos, com pensamento e ativismo político de esquerda, em defesa dos direitos humanos e das minorias étnico-raciais. Tive oportunidade

de discutir isso com Paul Freston no III Simpósio Internacional da AMAR “Religião e Política no Governo Bolsonaro” (estando o vídeo disponível também no canal de YouTube do NEREP). Embora relativamente pequenos perante os segmentos religiosos de que fazem parte, tais expressões denotam sim atuação religiosa em prol de uma sociedade mais democrática.

Referências Bibliográficas:

PY, Fábio. Padre Paulo Ricardo: trajetória política digital recente do agente ultracatólico do cristofascismo brasileiro. *Tempo e Argumento*. Florianópolis: UDESC, v. 13, 2021.

RICOEUR, Paul. O conflito das interpretações. *Ensaaios de hermenêutica*. Rio de Janeiro: Imago, 1978.

ROSANVALLON, P. *Le Bon Gouvernement*. Paris: Éditions du Seuil, 2015.

SOUZA, André Ricardo. Pilares da Economia de Francisco e Clara e o enfrentamento da profunda crise. *Contemporânea*. Revista de Sociologia da UFSCar. São Carlos: UFSCar, v. 10, 2020.

SOUZA, André Ricardo. A ecumênica busca de apoio aos adeptos dos cultos afro-brasileiros vitimados por intolerância. *Tempo Social*. São Paulo: USP, v. 34, 2022.

SOUZA, André Ricardo; SIMOES, Pedro. O enfrentamento espírita da pandemia do Covid-19 no Brasil. *Teoria e Cultura*. Juiz de Fora. UFJF, v. 17, 2022.

Recebida em 01/09/2022

Aceita para publicação em 19/09/2022